

Formale
und existenziale
Sicht auf die
Wissenschaft

Lauteverschiebung
Sprache

Christus Mythos des Subjektivs

Mythen

VILÉM FLUSSER

Procurarei esboçar, na última sexta-feira, a imagem do mundo que nos é oferecida pela física e pela biologia. Dada a exiguidade de tempo deste curso, abrirei mão da tentativa de completar essa imagem pelo recurso a outras ciências, já que o propósito dessas considerações é outro. Procurarei analisar com os senhores duas perguntas. Como surgiram essas imagens? e O que significam? A primeira pergunta equivale a uma indagação pelas circunstâncias que permitiram que se articulem ciências, e a segunda equivale a uma pergunta quanto à relação entre ciência e vivência imediata.

Como sabem os senhores, a ciência é uma disciplina mental que caracteriza o Ocidente. Esta circunstância é tão evidente, que não consigo compreender como foi ignorada até agora por todas as teorias de cultura que conheço. Bem entendido não ignoraram essas teorias a ciência como fenômeno ocidental, mas ignoraram a ciência como fenômeno inevitável no desenvolvimento do Ocidente, e impensável em outra parte. Considerem os senhores por exemplo a teoria da história marxista. O fenômeno da ciência torna-se incompreensível nessa teoria. Havia sociedades em situação econômica muito semelhante à do Ocidente no século 14, por exemplo a sociedade na China e na Índia, e havia sociedades em estágio econômico similar no século 9 no Oriente próximo, no século 5 a.C. na Pérsia e assim em diante. Situações econômicas semelhantes devem, de acordo com essa teoria, produzir efeitos semelhantes. Mas nada como uma ciência foi produzido. E o que disse da teoria marxista, vale de todas as teorias do meu conhecimento. No fundo parece que estamos dispostos a aceitar o aparecimento da ciência, com todas as consequências que esse aparecimento traz consigo, como milagre. O propósito desta aula é justamente desfazer esse clima de milagre que cerca o aparecimento da ciência, embora seja inconfesso esse clima. Procurarei argumentar que a ciência está projetada nos mitos do Ocidente, que tinha que ser realizada mais dia menos dia, e que a sua realização é sintoma do esgotamento desses mitos. Para poder conduzir esse argumento, peço que considerem como a ciência funciona. Definirei a ciência como um modo de falar específico, como um linguagem específica com suas próprias regras e com seu vocabulário adequado. Essa linguagem tem a sua origem na conversação, mas modifica essa conversação a medida que progride. Os juízos que compõem a conversação são, no caso do Ocidente, frases que predicam sujeitos. São portanto organizações que consistem de três tipos de termos: substantivos, verbos e termos relacionantes. Essas organizações estabelecem uma estrutura chamada "Sachverhalt" (relação entre coisas). A conversação ocidental é um discurso que articula a vivência imediata em "Sachverhalte". Os substantivos que essa conversação contém são de dois tipos: nomes próprios e nomes gerais, isto é termos primários e secundários, se vistos como articulações da vivência imediata. Os nomes próprios significam a vivência, os nomes gerais significam outros nomes. Os predicados relacionam substantivos entre si, isto é estabelecem um nexos entre os momentos distintos da vivência imediata. Os termos relacionantes estabelecem nexos entre situações, isto é entre substantivos ligados por verbos. Esta é a conversação ocidental, e esta é pois a realidade dentro da qual a mente ocidental existe. Predicar sujeitos e tentar defini-los. Se digo por exemplo que esta mesa é marrão, estou tentando definir o nome próprio "esta mesa", subordinando-o à classe denominada "marrão". O que digo é, com efeito, que existe uma classe, a saber marrão, da qual esta mesa é um elemento. Mas nomes próprios são indefiníveis. Tem uma infinidade de atributos, já que significam uma vivência imediata. São elementos de uma infinidade de classes. Posso portanto predicar eternamente um nome próprio, sem que jamais o assunto fosse esgotado. Falar a respeito de nomes próprios é uma tarefa frustrante. O discurso progride de certa maneira, mas progride sem meta. A conversação a respeito de nomes próprios tem todas as características da conversa fiada. O clima desse discurso é o do absurdo. Com nomes gerais não acontece o mesmo. Nomes gerais são definíveis. O seu significado é exaurível. Com efeito, quanto mais geral o nome, tanto menor o seu significado. Finalmente chegamos a nomes tão gerais que não pertencem a classe nenhuma. O discurso que predica nomes gerais tem um clima inteiramente diferente. Esgota termo após termo. É um discurso estritamente progressivo, embora pobre, senão icento, de significado para a vivência imediata. A conversação ocidental consiste de juízos que predicam nomes próprios e nomes gerais indistintivamente. Com efeito, flutua constantemente entre camadas de

VILÉM FLUSSER

generalidade. Considerem, por exemplo os juízos "São Paulo é uma cidade" e "São Paulo consiste de duas palavras". Esse flutuar constante da conversação evita que ela estagne na conversa fiada, na qual estagnaria, se se limitasse a nomes próprios, mas evita também que progrida, como progrediria se se limitasse a nomes gerais ordenadamente engavetadas em suas respectivas camadas de classes. Pois bem, a ciência não é outra coisa a não ser um discurso assim ordenado. Os termos que a ciência emprega são classes, das quais os nomes gerais da conversação são os membros. Os nomes próprios da conversação são a matéria prima da ciência, e não a vivência bruta. Esta distinção é importante, e será discutida em outra aula. Arbitrariamente e deliberadamente cada ciência escolhe, entre os nomes próprios que lhe são fornecidos pela conversação, uns poucos. Cria em seguida termos que serão doravante classes dos nomes próprios escolhidos. Sobre esses termos a ciência discorre, ou, como se costuma dizer atualmente, submete ao cálculo esses termos. Nesse processo surge um contexto de juízos ordenados, um seguindo ao outro. O contexto é chamado de teoria. Quando todos os termos estão totalmente predicados, e quando todos os nomes próprios que servem de elementos a esses termos estão enquadrados, a teoria é considerada geral e consistente. O último passo é a chamada "interpretação da teoria". Os termos científicos são retraduzidos para a conversação geral, a qual é por eles enriquecida. É a fase da chamada "ciência aplicada". Esta é, em poucas palavras, e de maneira muito resumida, a estrutura da ciência como linguagem.

É evidente que uma linguagem assim somente pode ter surgido em conversações que contêm substantivos. Línguas de outro tipo não contêm substantivos, portanto não contêm a ciência em seu projeto. Mas a existência de substantivos não é a única condição para o surgir dessa linguagem. É preciso que haja uma estrutura que permita o livre transcurso de termos em classes. Em outras palavras é preciso que os nomes próprios se prestem a generalizações sucessivas e disciplinadas. E isto elimina as conversações que, embora contenham substantivos, não disponham desse dispositivo. Assim ficam eliminadas as conversações flexionais do Oriente médio e da Índia, por exemplo. É pena que o tempo não me permite de exemplificar como por exemplo o sanscrito não admite generalizações do tipo mencionado. Com efeito, as únicas línguas que permitem o surgir da linguagem científica são as línguas faladas no Ocidente. Mas estas não somente o permitem, mas o exigem. Numa dada fase de seu desenvolvimento, re-ultem em ciência, já que o projeto do qual brotam, prevê esse resultado. Até agora tratei do problema de um ponto de vista puramente formal e linguístico, para desfazer o clima de milagre ao qual me referi acima. Reinterpretarei agora de um ponto de vista existencial tudo que acabou de ser dito. Disse que as nossas línguas predicam sujeitos. Isto é a maneira formal de dizer que o mito fundamental do Ocidente é o mito do sujeito. A realidade se desvenda, para nós, como sujeito. Tão fundamental e esse mito, que nas nossas considerações das diversas conversações primordiais, judias, gregas, latinas, germanica e eslavas, não precisavam insistir sempre nessa tecla. É comum a todas. A focalização desse mito mestre é, para o Ocidente, a figura do Cristo. O Cristo é a personificação do mito do sujeito. Mas é importante notar de que forma o sujeito se personifica. É uma síntese dos dois mitos gregos de "soter" e "logos" e do mito judeu do Messias. Todos esses três aspectos estão reunidos no sujeito da conversação do Ocidente. É graças a esses três aspectos que o sujeito pode ser generalizado da maneira como o fazemos. A generalização é uma purificação, uma catarsis, no sentido soterológico desse termo. A generalização é "logicamente" alcançada, no sentido de "logos" que já discutimos. E a generalização é uma superação do pecado no sentido messianico do qual temos falado.

Considerem por um instante o que acabo de propor-lhes. Formalmente disse que o nome geral é menos significativo que o nome próprio, no sentido de ter menos propriedades. É portanto um sujeito purificado, um sujeito que passou por uma catarsis órfica e evita o ciclo. Podem observar os senhores que Pitágoras está consciente desse fato. Para ele tem a geometria um poder purificador das almas. Formalmente disse que o nome geral pode ser sistematicamente predicado, e que esse tipo de discurso é progressivo sensu stricto. É um discurso lógico no sentido não somente formal, mas também no sentido da Stoa. E finalmente disse que o discurso com nomes gerais pode ser interpretado, isto é re-traduzi

VILÉM FLUSSER

do para a conversação cotidiana. É o aspecto messiânico do sujeito, é a vinda do Messias para estabelecer o paraíso na terra. Todos esses tres mitos portanto colaboraram para dar a nossa mente aquela estrutura que permite que substantivos fossem manipulados de tal maneira a dar origem à ciência como linguagem.

Não obstante, não surgiu a ciência quando esses tres mitos se reuniram. Falava um elemento. Esse elemento diz respeito, formalmente, ao predicado. Disse que, formalmente, o predicado relacionado sujeitos para organiza los em "Sachverhalte". Mas para o pensamento clássico, esse que surgiu dos tres mitos, essa relação era de classe. Os juízos eram todos vivenciados como aquele "esta meça é merrão" que dei como exemplo. As relações entre os sujeitos eram estáticas, e estática era portanto a estrutura da realidade. E em realidade assim não podia funcionar a ciência como linguagem. Tudo que chamamos de "ciência" na Grécia é algo fundamentalmente diferente daquilo que acabo de lhes expor formalmente. Era somente quando o acento do juízo se transferiu do sujeito para o predicado, que isto se tornou possível. E istou se deu graças à conversação germanica que se articulou somente há menos de seiscentos anos. Tentei mostrar como o projeto existencial germanico é fundamentalmente um mito do processo, e provei essa minha afirmativa ao discutir diversos verbos alemães e ingleses. Quando esse projeto penetrou a conversação ocidental, a estrutura dos juízos não se alterou mas sofreu um desvio de acento, uma "Lautverschiebung". Doravante tornou se o pensamento ocidental um pensamento predicativo. E quando isto se deu, surgiu a ciência como que automaticamente.

O processo da transferencia do acento do sujeito para o predicado é gradativo. Formalmente é o abandono da lógica aristotelica e sua substituição por lógicas de funções e de relações entre funções ligadas. Na física é o abandono do corpo e sua substituição pelo campo. Na biologia é o abandono do organismo e sua substituição pelo ecos. Eticamente é a substituição do dogmatismo pelo pragmatismo. E do ponto de vista da ciência como um todo é o abandono paulatino da ciência como conhecimento, e sua substituição pela ciência como obra de arte.

A transferencia do acento para o predicado resulta em enfraquecimento progressivo do sujeito. Formalmente podemos observar esse enfraquecimento nas equações da matematica avançada, na qual a física se articula. Mas vivencialmente isto significa que o mito do sujeito está prestes a esgotar se. A ciência é a última realização desse mito. Quando a ciência se tiver inteiramente formalizado, e quando tiver eliminado inteiramente o sujeito, o projeto existencial ocidental se terá esgotado sob este aspecto. Formalmente restarão apenas funções sem nada a funcionar com elas. Gramaticalmente restarão apenas predicados a ligar sujeitos que designarão classes vazias. Existencialmente não haverá a ciência mais assunto.

Estes argumentos respondem, a meu ver, à pergunta "como surgiu a ciência", porque tornam óbvios, se me expressei bem, que a ciência somente pode ter surgido no Ocidente, e que no Ocidente tinha que surgir, para que este possa realizar se. E por ser realização do Ocidente, é a ciência igualmente um estágio, um dos estagios definitivos, do seu esgotamento. Passo a considerar a pergunta: "o que ela significa?"

A linguagem da ciência significa a conversação, no sentido de surgir dela, de ter os elementos dessa conversação como ponto de partido, e no sentido de ter essa conversação como meta. Os termos da ciência significam os termos da conversação cotidiana. Mas, conforme procurei mostrar, a conversação cotidiana é absurda. Persegue uma meta por definição inalcançável. A ciência vive em clima diferente. Chamarei de irônico esse clima, porque distante do nome próprio, porque transcendente. Quanto mais "abstrata" a camada da linguagem, quanto mais gerais seus termos, quanto mais amplas as suas classes, tanto mais irônico esse clima. Pois é isto exatamente o que a ciência significa. É ela uma fuga da absurdidade da conversação cotidiana, porque procura dar-lhe sentido. Há um elemento de aventura na conversação científica, porque esta progride. E há um elemento lúdico nessa conversação, porque cria deliberadamente termos, e porque escolhe deliberadamente os seus elementos de jogo. E há, finalmente, um elemento criativo na ciência, porque volta para a conversação cotidiana para informá-la e enriquecê-la.

VILÉM FLUSSER

As duas cosmovisões que lhes expuz na última aula tem portanto um significado vivencial neste sentido. Proporcionam um clima vivencial menos absurdo que o da conversação cotidiana, embora, pela sua própria estrutura devam desembocar nela. Devem ser portanto tomadas como obras de arte. É ingenua a pergunta; o que tem a visão do mundo da física ou da biologia a ver com a realidade. A visão do mundo que as ciencias nos oferecem tem o propósito inconsciente, e quiçá inconsciente, de dar prazer e aventura a nossa mente. Como tais são válidos esses esforços.

Fui muito resumido nesta aula, e os meus argumentos foram um tanto densos. Peço lhes desculpas por esse fato. No entanto espero que desta vez haverá uma discussão mais ampla para esclarecer esses argumentos que são para mim básicos para a compreensão da nossa mentalidade. Dedicarei a próxima aula à ampliação dessa discussão, e deixo portanto, desta vez, a iniciativa aos senhores. Assim espero que estas aulas se transformem em diálogos autênticos e criadores.